

ANTÓNIO SARDINHA À LAREIRA DE CASTELA: O EXÍLIO ESPANHOL NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE HISPÂNICA

ANTÓNIO SARDINHA AT THE CASTILE FIREPLACE: THE SPANISH EXILE IN THE BUILDING OF A HISPANIC IDENTITY

Susana Rocha Relvas*

Abstract: The exile, as a theme of comparative literature, has witnessed an upsurge by the research community that in recent decades has been devoted to exploring this issue in an interdisciplinary way, opening new perspectives and methodological approaches. In this study we account for António Sardinha's exile in Spain due to political reasons, which allows us to understand through his poetry, the factual and emotional context that the absence and the distance determine, but also what the expatriate condition reveals in the encounter with the other, reflecting on the historical mission of the two Iberian countries which results in the Hispanic project of a peninsular alliance with multiple connections with Latin America.

Keywords: António Sardinha, exile, travel literature, Comparative Literature, Iberian Studies.

Resumo: O exílio, como tema da literatura comparada, tem assistido a um recrudescimento por parte da comunidade de investigadores que nas últimas décadas se tem dedicado a estudar este tema de forma interdisciplinar, abrindo perspectivas a novas abordagens metodológicas. Numa perspectiva comparada pretendemos neste estudo refletir sobre o exílio em António Sardinha e suas repercussões em termos doutrinários, culturais e literários. Através da sua poesia é possível perceber o contexto factual e emocional que a ausência e a distância determinam, mas também o que a condição de expatriado revela no encontro com a alteridade, refletindo sobre a missão histórica dos dois países ibéricos de que resulta o projeto hispanista de uma aliança peninsular com múltiplas conexões à América Latina.

Palavras-chave: António Sardinha, exílio, literatura de viagem, Literatura Comparada, Estudos Ibéricos.

* Doutoramento em Literatura Comparada. Professora Adjunta Convidada - ESEV, Instituto Politécnico de Viseu e Investigadora Auxiliar do CEFi – Centro de Estudos do Pensamento Português, Universidade Católica Portuguesa.

Introdução

Este estudo visa, numa primeira parte, abordar a problemática do exílio como tema dos estudos literários comparados, no âmbito das relações interculturais ibéricas na década de vinte, refletindo sobre as recentes abordagens metodológicas e diferentes leituras que conformam o carácter revisionista a que estão sujeitas estas áreas de estudo. Para tal, alargamos o nosso estudo aos problemas de fronteira e de alteridade, nas suas implicações éticas e estéticas; à profusão de temas, motivos e mitos que constituem o imaginário ibérico e ibero-americano; à imagem, influência e receção literária e cultural, incidindo, sobretudo, nos discursos dominantes de grupos e identidades ibéricas.

Na segunda parte, pretende-se identificar e aprofundar as linhas de força da temática do exílio em António Sardinha na sua relação com a criação artística e como esta circunstância foi determinante para a concreção do seu ideário hispanista e, em última análise, para a efetivação de um diálogo ibérico e transatlântico de cultura estabelecido entre figuras de relevo da ciência, do pensamento e da literatura ibérica e ibero-americana.

Não obstante a década de vinte ser uma época especialmente profícua da cultura peninsular, foi também tempo de diáspora para muitos portugueses devido a razões ideológicas. De facto, Portugal teve na sua história momentos agudos, marcados por revoluções e exílios. Lembremos que ao longo do século XIX diversas figuras proeminentes da nossa cultura viveram a experiência do desterro, convertendo-a em momentos particularmente produtivos e decisivos na história nacional. A título exemplificativo, deve-se ao exílio de Almeida Garrett, na França e na Inglaterra, a introdução do Romantismo em Portugal e reconhece-se que foi, de igual modo, o solitário desterro de Sampaio Bruno, após a malograda revolta do 31 de janeiro de 1891, que intensificou o seu pensamento heterodoxo e contribuiu, à semelhança de outros correligionários desterrados, para a combativa ação republicana que culminou com a implantação do novo regime em 1910.

A República, porém, produziu, de igual modo, exilados. Monárquicos que a partir do exílio, não só conspiraram e fomentaram revoltas contra o governo republicano (1912-1919) como procuraram novas vias ideológicas e literárias para a regeneração portuguesa. Assim sucedeu com o “grupo de Lovaina” que,

em 1913, cria a revista *Alma Portuguesa*, “órgão do Integralismo Lusitano” (CRUZ, 1982, p.138; QUINTAS, 1997, p. 95) e deve-se, igualmente, ao exílio político de António Sardinha (Monforte, 1887- Elvas, 1925), como iremos demonstrar nas páginas seguintes, a conceção de uma aliança peninsular como linha estruturante do ideário integralista, reconfigurando a identidade portuguesa e reinscrevendo-a num plano mais alargado do Hispanismo e da Latinidade.

1. O exílio como objeto de estudo da Literatura Comparada

Como disciplina ou metodologia de estudo humanista (BUESCU, 2012; BASSNETT, 2006, pp. 3-11), a Literatura Comparada assume valor heurístico, transdisciplinar e transnacional dada a capacidade de estabelecer paralelismos, afinidades, convergências e confrontos entre literaturas e culturas, analisando as diferentes realidades humanas em mutação ao longo dos séculos e as práticas sociais que lhe estão associadas. Ao ultrapassar as origens eurocêntricas para contemplar, com equidade, as literaturas e culturas nacionais à escala mundial, retomando o conceito Goethiano de *Weltliterature*, os estudos comparados pendem hoje em favor de propostas de cariz federativo (RESINA, 2009) e planetário (SPIVAK, 2003), em defesa da polifonia que emerge do pensamento pós-colonial (SAID, 2001; BASSNETT, 2006; STEINE, 1990).

Como vertente da Literatura Comparada, os estudos ibéricos têm assistido a um incremento notável, tanto na sua conceção teórica – delimitação do campo disciplinar, objeto de estudo e métodos de análise, como no plano pratico, das efetivas relações culturais que marcaram autores, movimentos e épocas. Procurando definir novos limites e possibilidades nesta área de estudo defende-se hoje um novo paradigma que reside no reconhecimento de um campo autónomo de investigação, que privilegia uma abordagem relacional (RESINA, 2013), onde se questionam fenómenos que se prendem com o espaço, regional, nacional e transnacional (MORA, 2014, pp.319-343), como migrações e exílios, as tenções entre centro e periferia e as relações entre o local, global e glocal (MIRANDA, 2010, pp.165-170).

Pretende-se, assim, neste momento atual, marcado pela atitude revisionista, criar um novo paradigma conceptual e epistemológico que problematize questões inerentes às literaturas ibéricas comparadas, histórica, linguística e culturalmente próximas e diversas (MAINER, 2010), em constante

intersecção (RESINA, 2013). Apesar das contendidas internacionais, receios iberistas e nacionalismos emergentes, verificam-se, ao longo da história comum, efetivas interações a nível cultural e literário que fazem da Península Ibérica um caso de complexidade sistémica, que exige uma investigação profunda que contribua para a reconstituição do mapa das relações literárias e culturais hispânicas.

A temática do exílio, a par de outras poéticas comparadas como a Literatura de Viagens, o estudo dos mitos na cultura europeia ou os estudos de tradução, tem assistido, de igual modo, a um recrudescimento por parte da comunidade de investigadores que nas últimas décadas se têm dedicado a explorar esta problemática de forma interdisciplinar, em diálogo com as diferentes áreas das ciências sociais e humanas. Como tema extraliterário, o exílio possui implicações éticas e estéticas, que se prendem tanto com a sua contingência, problematizando questões ontológicas e geoculturais, como na sua relação com a criação artística (GUILLÉN, 1995).

Enquanto *topos* da experiência humana e fenómeno estruturante do século XX, (STEINER, 1995; SAID, 2001, p. 179), os estudiosos têm valorizado a natureza híbrida do exílio, entre a liberdade criadora e a nostalgia restritiva, em coexistência, por vezes, no mesmo texto literário (MCLENNEN, 2004); (GURR, 1981, pp.17-18). A literatura de exílio é, deste modo, definida como uma dialética de tenções em torno da identidade cultural, da distância e da diferença, da partida e da chegada e desse choque resulta, em termos literários, a criação de um espaço social utópico ou distópico. Autores como Simone Weil, Edward Said, Damrosch, Maurice Blanchot e Claudio Guillén convergem no entendimento da temática do exílio como fenómeno histórico fraturante, pelo sentimento de perda que lhe está associado (SAID, 1984, p.49), com as suas implicações de ausência e distanciamento (DAMROSCH, 2003, p.300), associado às noções de errância, desterro, abandono, peregrinação ou destempo (WEIL, 1949)² porque o escritor é, antes de tudo, um exilado em si mesmo, em perpétua errância, física e mental, (BLANCHOT, 1988).

² O desterro é também um “destempo” que se opera com “la expulsión del presente; y por lo tanto del futuro – lingüístico, cultural, político – del país de origen”. (GUILLÉN, 1995, p.141).

Outros, porém, como Angelica Bammer, entendem-no como experiência formativa e enriquecedora³ ou como pré-requisito para a liberdade criadora do autor, conferindo-lhe “perspetiva” sobre a vida (GURR, 1981)⁴. Como tema literário, o exílio pode manifestar-se como biografia de autor, referência textual, tema ou metáfora (BEVAN, 1990, p. 3) e está associado a problemas como a memória e a viagem e a questões de fronteira e de alteridade. O exercício da memória, perpetuado através da escrita, faz-se quer através do relato de vivências do passado, quer através da depuração das experiências exílicas vividas no presente.

Também a viagem, como tema da Literatura Comparada, traduz a experiência de deslocação e pode ser estudada sobe duas perspetivas. A viagem real, motivada pelo exílio ou pelo intercâmbio cultural, e a viagem imaginária, realizada através da leitura e da digressão interior. Por sua vez, os problemas de fronteira e de alteridade, com as suas implicações antropológicas (MACHADO & PAGEAUX, 1983, p.61), assumem na abordagem ao exílio lugar central, problematizando os limites do indivíduo e a representação do outro – lembremos o dialogismo de Bakhtin - perscrutando as diferenças culturais de povos e grupos sociais com distintas filiações ideológicas e artísticas que se apresentam em diálogo ou confronto (TODOROV & BAKHTIN, 1984, p. 94).

Podemos, ainda, referir os conceitos de “territorialização” e “desterritorialização” segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992) ou de “extraterritorialidade”, como a entendeu George Steiner (1990). Noções que, desde uma perspetiva filosófica e geográfica, traduzem o desenraizamento simultaneamente físico e psicológico, como fuga às estruturas sociais e políticas coercivas, quando o exilado abandona o seu país e, errando pelo mundo, acaba por se ancorar num outro território, construindo um novo lar, um novo círculo de amizades e, em suma, formulando um novo pensamento.

³ “The separation of people from their native culture either through physical dislocation (as refugees, immigrants, migrants, exiles or expatriates) or by the colonizing imposition of a foreign culture... is one of the most formative experiences of our century”. (BAMMER, 1994, p. XI).

⁴ Próximo de Bammer, Andrew Gurr distingue exílio de expatriação, considerando que o primeiro traduz um constrangimento involuntário enquanto o segundo define um ato ou estado voluntário. Como outros estudiosos da literatura de exílio, Gurr destaca a relevância do exílio para a criatividade literária: “Distance gives perspective, and for exiles it is also the prerequisite for freedom in their art. Freedom to write is a major stimulus to exile, and exile treats the kind of isolation which is the nearest thing to freedom that a twentieth-century artist is likely to attain”. (GURR, 1981, pp. 17-18).

A palavra exílio, tanto no seu sentido existencial como metafórico, assume diferentes matizes, tendo em conta as inúmeras circunstâncias em que ocorre. Neste estudo faremos uso dos termos “exilado”, “desterrado”, “emigrado” e “em cativo” tendo em conta as razões que conduziram António Sardinha ao exílio. Assim, se nos ativermos à realidade do monárquico integralista português, as quatro expressões são perfilhadas e intercambiáveis. O próprio intitula-se como exilado, na medida em que, devido a constrangimentos de ordem política, Sardinha é forçado a deslocar-se de território, refugiando-se em terras de Espanha.

Todavia, o autor também se autodenomina de “emigrado”, dando a entender que este foi um ato deliberado por manifesta incompatibilidade com o regime político vigente e com a geração a que pertence, maioritariamente liberal e positivista. Por seu turno, a palavra “desterrado”, com tradição clássica e bíblica, e a expressão “em cativo” (BRAGA, 1930, p.14), utilizados pelo próprio e pelos seus correligionários, assume em Sardinha fundamento na medida em que se sente reprimido nas suas convicções políticas pelo poder instituído, evitando com a sua fuga para Espanha, a perseguição e o encarceramento.

Postas estas considerações iniciais, de cariz metodológico, passamos ao objeto de estudo deste trabalho que se prende com o modo como o exílio se expressa em termos literários, culturais e doutrinários em António Sardinha e como, no âmbito da criação literária, o autor aperfeiçoa os cânones estético-literários hispanistas e concebe, no plano ideológico, uma aliança peninsular.

2. António Sardinha e o exílio em Espanha (1919-1921)

Afirmar que António Sardinha foi republicano em tempo de Monarquia e monárquico em tempo de República, seria sobremaneira redutor face ao seu papel como ideólogo do movimento político-cultural do Integralismo Lusitano, criador de uma profusa atividade revisionista da história e da literatura Peninsulares e, como poeta de tradição lusitanista e neogarrettiana, revelou-se cultor de temas e motivos líricos nacionais. Figura cimeira da cultura portuguesa da primeira metade do século XX, Sardinha inicia a sua atividade política comungando dos ideais libertários e republicanos para, após a instauração da República, passar a defender uma monarquia tradicionalista antiparlamentar, tendo sido deputado sob a presidência de Sidónio Pais. Apesar da sua morte

prematura, em 1925, data em que o ideário Integralista figurava já no panorama nacional e internacional como um movimento cultural e político de oposição à República vigente, quer o seu ideário, quer a sua personalidade marcaram uma geração constituída por figuras como Pequito Rebelo, Hipólito Raposo, Luís de Almeida Braga e discípulos como Marcelo Caetano ou Rodrigues Cavalheiro.

Implicado na frustrada incursão armada da “Monarquia do Norte” (1919), liderada por Paiva Couceiro, António Sardinha exila-se em Espanha, entre 1919 e 1921, afastando-se de um sistema político que lhe é adverso, que o impele a procurar refúgio noutra espaço geográfico e cultural. Espanha torna-se, nesse sentido, um reduto, suficientemente perto do país de origem, mas aos olhos de um exilado, demasiadamente apartado do seio familiar (DESVIGNES, 2006).

O papel de Espanha no caso da fuga massiva dos monárquicos portugueses, que se seguiu à implantação da República, possui singularidades no âmbito da experiência do exílio contemporâneo, tanto no campo histórico-político como no âmbito sociológico e antropológico. Se, no contexto dos Estados-Nação, Espanha legitima o regime republicano português, por outro lado, num ato de solidariedade, o país vizinho acolhe os emigrados políticos, que ao longo de mais de duas décadas se refugiam nas suas fronteiras, fomentando, em muitos casos, a partir daí revoluções (TORRE GÓMEZ, 1985). Nessas fronteiras permeáveis a todo o tipo de trânsito e trocas, Sardinha pôde circular livremente à descoberta de Espanha. Ao longo dos 27 meses que passou em solo espanhol, o mentor do Integralismo Lusitano está sujeito a uma ambivalência de ideias e sentimentos, de estranhamento e de pertença, de perda e de ganho, de distopia e de utopia (DELEUZE & GUATTARI, 1992). Numa primeira fase, o íntimo de Sardinha é acometido por uma dialética de tensões, de cariz ideológico e emocional, (COBO, 2006, p. 262), inerente não só ao sacrifício pessoal, em nome do país e da monarquia, como também devido às dissidências integralistas, à instabilidade política nacional e à saudade da pátria, da esposa e dos seus camaradas integralistas.

Recordando esses tempos trágicos, Luís de Almeida Braga afirmaria, em 1930: Na “cegueira criminosa do nosso tempo [...] tudo se desmoronava em Portugal” (BRAGA, 1930, pp. 3-5). Inadaptado e deslocado da realidade presente (BLANCHOT, 1988, p. 322), Sardinha vive longos momentos de angústia e de incerteza que se espelham nas páginas de exílio publicadas sob o

título *Na Corte da Saudade. Sonetos de Toledo* (1922). Mais do que uma representação simbólica do exílio, este livro é por si só uma extraterritorialidade (STEINER, 1990). Isenta de jurisdição terrena, a poesia assume-se como resistência, afirmação e depuração psicológica, de confronto e superação da indigência física e moral, levando o escritor a questionar os seus próprios limites como ser humano. A carga emocional inerente ao “eu” exilado, no que esse sentimento representa de estranheza e desenraizamento, traduz a nostalgia e o silêncio de um presente sombrio (“Fala do Silêncio”, p. 45), marcado pela errância, quando diz: “sou aprendiz de cigano” (1922, p. 23) e pelo afastamento, que se espelha em “Soneto de ausência”, sacralizando o que na sua vida física e moral lhe foi retirado: “Somos dum mundo já que não existe,/ - somos dum mundo que perdeu os remos!” (p. 48) e, mais adiante, “Pascoa do exílio, – coração desfeito.../ Só dentro em mim, nas sombras do meu peito/ um sino dobra amarguradamente! (p. 64) ou, noutro momento, afirma: “nas horas de agonia e de incerteza” (p. 70), “Nesta agonia em que deliro e peno” (p. 15).

Em profunda crise de representação, individual e nacional, Sardinha problematiza questões ontológicas como a ideia de finitude, de morte lenta e agonizante que o poeta experimenta nos versos seguintes: “Alguém arrasta o passo moribundo,/ - sou eu....(p. 52) e, associando-se à personagem cervantina dirige-se a todos os expatriados: “ó cavaleiros da Figura-Triste,/ quando será o nosso enterramento?” (p. 48) e recorda que todos os emigrados são “quixotes” (p. 48), loucos, sonhadores, “cadáveres da cavalaria” (LEÃO, 1930, p. 55).

Para além da função catártica que a sua poética assume em *Na Corte da Saudade*, verifica-se de igual modo, a necessidade, quase vital, de preservar a memória (MACHADO & PAGEAUX, 1983, pp. 40-41), exercício que se concretiza através da reabilitação de factos e figuras da história nacional com os quais Sardinha se identifica. Referimo-nos a D. Sancho II, que na cidade de Toledo vivera exilado numa saudosa existência, e D. Sebastião, o Encoberto, envolto no “Nevoeiro” (SARDINHA, 1922, p. 79) personagem recorrente nos seus sonetos com a qual Sardinha se irmana na mesma trágica e quixotesca loucura.

Além das figuras históricas, as cidades de Madrid, Toledo, Cáceres, Ávila e Segóvia, abertas aos caminantes e a todos os que aí procuram asilo, deixam-lhe uma grata impressão. De emigrado político, António Sardinha converte-se

num viajante, seguindo as pisadas do aventureiro homem do século XIX que, após as guerras napoleónicas, começa a olhar para Espanha como destino turístico. Como resultado dessas viagens, Sardinha recorda episódios da história peninsular como o da Restauração nos versos: “Castela, não te espantes se te digo/ que nem assim venceste a minha raça!” (1922, p. 66).

Também as pedras seculares merecem longas descrições imbuídas de sensações de assombro, face à descoberta das raízes comuns, acumulando-se elementos descritivos que transformam a sua produção poética numa viagem interior, de auto e hétero gnose. Ao descobrir o rio Tejo em Toledo, Sardinha o interpela para com ele se identificar, “caminhante”, “embebido em seduções remotas”, que espera no seu “andar errante” até ao mar, encontrar “caravelas e gaivotas” (1922, pp. 53-54). A dualidade ou hibridez de sentimentos que assolam o poeta pendem entre a fidelidade à pátria, quando diz: “Que a tua graça eternamente viva/ e que eu sirva em terra portuguesa!” (1922, p. 70) e o sentimento de pertença a um novo lar: “Sentimos ambos que éramos de Espanha!” (1922, p. 76). Dessa afinidade com o país vizinho, são elucidativos os versos de Alberto Monsaraz, que lhe são dedicados:

Terra alheia? Algumas vezes
Nada há mais nosso do que ela!
Que o digam os portugueses
No velho lar de Castela! (SARDINHA, 1922, p. 11)

Paralelamente à sua criação poética, Sardinha aprofunda os seus conhecimentos sobre a história e a cultura espanholas e estabelece contactos que serão decisivos na mudança radical que se opera na sua exegese sobre a Ibéria e da sua missão passada, presente e futura. Assiste-se, então, a uma perspetiva utópica do seu pensamento, na medida em que, como chefe intelectual do Integralismo e guia da sua geração, procura transformar o mundo à imagem do seu ideal e para tal sustenta-se dos factos históricos e da mitogenia ibérica para forjar um renascimento pátrio. O Amadis, a Diana de Montemor, a música das Cantigas de Santa Maria, Don Quixote e Don Sebastião, todos são protagonistas da fisionomia cultural ibérica que importa preservar. O passado áureo dos descobrimentos, filiado no tema da raça, define a sua linha de pensamento assente na recuperação da memória histórica peninsular como paradigma dos futuros desígnios dos povos ibéricos. Ao proceder à revisão do

mapa psicológico e sociológico Ibérico, compreendendo desde a remota “Madre Hispania” ao vasto mosaico etnológico da Espanha moderna, Sardinha reúne os argumentos necessários à constituição de uma aliança peninsular.

Esta aliança, em sintonia com o ideário integralista, constituiria um núcleo de resistência hispano-americana contra as potências emergentes a nascente e a poente da escala planetária (SARDINHA, 1925). Este supernacionalismo hispanista, parcialmente partilhado por Fernando Pessoa, é para Sardinha a única via de realização do Quinto Império sebastianista, entendida como “a resistência lírica da raça” (BRAGA, 1930, p. 9).

Com o exílio em Espanha, Sardinha passa do doloroso processo da experiência da diáspora para o esforço de “reterritorialização”, ou seja, a invenção de um espaço ideal, situado na territorialidade utópica do hispanismo (DELEUZE & GUATTARI, 1940, p. 39), procurando recuperar a segurança e a harmonia da ibéria de quinhentos da qual se perdera o lastro. O exílio foi responsável por aquilo a que David Bevan denomina de “identidade renovada” (1990, p. 4), no sentido em que Sardinha cria uma rede de sistemas simbólicos, inspirada na história e na literatura comum, procedendo à reformulação imaterial das fronteiras peninsulares que se estendem aos países da América Latina.

Transcendência e tradicionalismo definem as linhas de força do seu programa hispanista consubstanciado na matriz identitária da latinidade, na linha de Charles Maurras e Marius André (SARDINHA, 1943, p. 94).

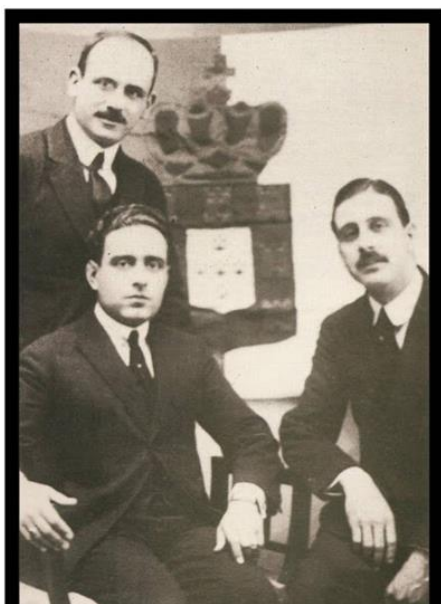


Figura 1 António Sardinha com Alberto Monsaraz e Luís de Almeida Braga no exílio, Espanha.

Ao círculo de amigos que Sardinha possuía em Portugal e, em concreto a estreita amizade com Luís de Almeida Braga, vem juntar-se um novo grupo social na sua vida, a que Blanchot, no seu livro *L'Espace Littéraire*, se refere como espaço de sociabilidade, de amizade e comunidade existente entre escritores (1988, p. 322) e que os interlocutores espanhóis de Sardinha com frequência revelam, como é o caso do Marquês de Lozoya, em carta datada de fevereiro de 1922: “Yo también estimo como un don de Dios nuestra amistad y espero que, pues está fundada tan sólidamente, durará lo

que nuestra vida y resistirá todo género de pruebas”. (RELVAS, vol. II, 1998, pp.57-58).

A estreita cumplicidade com a intelectualidade espanhola, resultante das afinidades ideológicas, históricas e culturais, representa para Sardinha uma nova experiência de comunidade, de acolhimento e abertura a novas possibilidades e latitudes, estabelecendo contactos com interlocutores de várias partes do mundo, servindo-se para tal do discurso epistolar. Nessa dinâmica cultural, Sardinha terá a possibilidade de divulgar a sua obra no espaço ibérico e ibero-americano através da tradução e do intercâmbio da sua produção literária, editada em livro ou em revista que, hoje, grande parte da moderna epistemologia dos estudos hispânicos define como a efetivação de redes transatlânticas operando num mundo globalizado.

O diálogo frutífero com a Espanha culta, a partilha de conhecimento, a divulgação do seu pensamento e convergência doutrinária de cooperação e intercâmbio literário e cultural atingem nesse espaço de ideias o seu auge, naquilo a que Susan Bassnett apelida de “relações de troca e de transferência” (2006, p. 3), que maximizam o capital cultural ibérico e ibero-americano. Com a aproximação a Espanha e à América Latina Sardinha procura alianças que fortaleçam os princípios do seu ideário integralista (VELOSO, 1987, p. 42), encetando um frutuoso diálogo e firmando compromissos culturais de alcance peninsular e hispano-americano (RELVAS, 1998). Esse diálogo é estabelecido maioritariamente com a ala conservadora e católica do mundo hispânico, como os espanhóis Marquês de Figueroa, Marquês de Lozoya e Marquês de Quintanar, Gabriel Maura Gamazo, Ramiro de Maeztu; os brasileiros Jackson de Figueiredo, Oliveira Lima e Gilberto Freire; o historiador argentino Francisco Silva; os escritores peruanos Riva-Agüero y Osma e Angelica Palma ou a historiadora colombiana Mercedes Gaibrois de Ballesteros (RELVAS, 1998) construindo, no encontro de ideias, um novo paradigma nas relações hispânicas.

Esta incursão pela geografia e cultura espanholas conduzem a uma outra viagem empreendida por Sardinha, a da leitura dos nomes de referência da ciência, história e literatura espanholas que serão determinantes para a confirmação da sua tese aliancista, como é o caso dos estudos do arabista espanhol Ribera y Tarragó, que Sardinha cita nos seus trabalhos, ou a teoria

hispanista defendida por Ramiro de Maeztu, com quem enceta frutuoso diálogo epistolar (RELVAS, 1998, pp. 81-86).

O papel que o hispanismo assume como peça chave do Integralismo Lusitano, a partir da década de vinte, representa uma segunda “conversão ideológica e espiritual” de Sardinha, depois da sua adesão à monarquia em 1912. (RAMOS, 2008, p. 11). De facto, Espanha representou um “enriquecimento do pensamento” (MACHADO & PAGEAUX, 1983, p. 50) e foi onde a sua “inteligência adquiriu a sua plena maturação” (DESVIGNES, 2006, pp. 244-245). A este respeito, um dos seus mais próximos correligionários espanhóis diria o seguinte:

[Sardinha] se dio cuenta (...) que no estaba realmente desterrado, sino muy cerca del corazón mismo del viejo Portugal, y pudo percibir la unidad esencial de sentimiento y pensamiento latente bajo la diversidad política. La alegría de este hallazgo llenó ya toda su vida, y constituye el fondo de su obra poética y política que fue, ciertamente, mejor comprendida en Portugal que en España” (LOZOYA, 1940, pp. 6-7).

O discurso dominante nas páginas de doutrina política de *Aliança Peninsular* (1925) e *À Lareira de Castela* (1943) pende em favor de uma união espiritual à escala Pan-Americana, comprovando que a condição de emigrado político não demoveu Sardinha da sua vocação como ideólogo do nacionalismo quando entendeu precisar o país de um renascimento pátrio, ou seja, de uma “ressurreição lusitana” (1924, p. XII) assente, por um lado, no tradicionalismo e catolicismo, de matriz europeu, através da ideia de portugalidade e, por outro lado, de matriz universal que o ideário hispanista parcialmente representa.

Sardinha vive no início da década de vinte as consequências da modernidade, com as suas mutações sociais, a que não são alheias revoluções e instabilidades políticas que desregulam as noções de tempo e de espaço (GIDDENS, 1992, p. 13). A circunstância de exílio, na asserção ortegueana, é porventura a consequência mais avassaladora desse desequilíbrio social e ético, mas em contrapartida, o exílio é também reflexo do cosmopolitismo das cidades, efervescentes de cultura, ideias e tendências estéticas.

Madrid, como Sardinha a conheceu, afigurava-se já como metrópole ibérica e será nos seus saraus e conferências literárias que o ideólogo do Integralismo encontra o refrigério espiritual que necessita. À semelhança de outros intelectuais do seu tempo, como o pensador criacionista Leonardo

Coimbra e o poeta Eugénio de Castro, também Sardinha será protagonista dessa dinâmica cultural que se estabelece no eixo Lisboa-Madrid, encontrando na capital espanhola uma atmosfera intelectual de curiosidade pelos autores portugueses (BRAGA, 1930, p. 3), chegando a constituir-se, em 1922, uma *Sociedade de Amigos de Portugal* presidida pelo Conde de Romanones. Quer na Residencia de Estudiantes, quer na Unión Ibero Americana, a doutrina hispanista de Sardinha é escutada com atenção, sendo considerado o “exegeta da literatura castelhana” (Relvas, vol. II, 1998, p. 48) e o intérprete da história e cultura comuns. O Marquês de Lozoya, a propósito, afirmará:

(...) ha compendiado U. todas las grandezas de su espíritu (que es hoy en toda la Península, el único espíritu *hispánico*; el único capaz de concebir las cosas al modo, amplio y noble de nuestros antepasados del XVI el único que ve con claridad los grandes destinos de nuestra raza) y todas las delicadezas de su sensibilidad de artista. (Relvas, 1998, pp. 18-19).



Figura 2 Reunião promovida no Hotel Ritz, em Madrid a 1 de Maio de 1920. Ao centro, de pé, Marquês de Figueroa. À sua direita o Marquês de Quintanar, Vasco de Mendonça, Luís de Almeida Braga e Vicente Lampérez y Romea. À sua esquerda, Álvaro dos Reis Torgal e António Sardinha. À frente, Emília Pardo Bazán e Blanca de los Ríos de Lampérez.

Conclusão

A título conclusivo, podemos afirmar que ao analisar o fenómeno do exílio numa perspetiva comparada, no âmbito das relações luso-espanholas da primeira metade do século XX, definimos o seu objeto estudo e adotamos linhas

metodológicas que obedecem não só à poética comparada, mas também às ciências sociais e humanas, seguindo os novos paradigmas conceptuais e epistemológicos, de alcance transdisciplinar e transnacional.

No campo literário das representações, a temática do exílio, como experiência extraliterária, está presente no discurso literário de António Sardinha, permitindo compreender o contexto factual e emocional que a ausência e a distância determinam, e o que essa circunstância de exílio representa de encontro com a alteridade. O discurso poético de Sardinha sobre a experiência de exílio é a um tempo catártico e revelador, de contingência e superação, ao aprofundar a sua identidade de forma enriquecedora, descobrindo não apenas as afinidades, convergências e divergências entre os povos peninsulares, mas também, e principalmente, construindo um ideário hispanista, assente em argumentos de carácter histórico e literário.

A Ibéria apresenta-se para Sardinha como um espaço relacional onde o exílio se traduz numa oportunidade de diálogo e criação de redes de conhecimento, alargando os horizontes doutrinários do movimento Integralista. Foi à lareira de Castela, lar que adotou como seu, que Sardinha aprendeu a conciliar os idealismos ibéricos, quixotesco e sebástico, transformando a adversidade inerente ao exílio em ideário fraterno na concreção de um “pacto de quinas e de flores-de-lis” entre “os semeadores de nacionalidades” (RELVAS, 1998).

MEMÓRIA

Meu coração de lusitano antigo
bateu às portas de Toledo, a estranha.
Mais roto e ensanguentado que um mendigo.
só a saudade aos passos lhe acompanha.

Pois a saudade ali me deu abrigo.
ao pé do Tejo que Toledo banha.
Levava os dias a falar comigo,
como um pastor com outro na montanha.

Em todo o mundo há terra portuguesa,
desde que a alma a tenha na lembrança
e a sirva sempre com fervor igual.

Talvez por isso, em horas de tristeza,
eu pude à sua amada semelhança
criar pra mim um novo Portugal!

REFERÊNCIAS

- BAMMER, Angelica ed.. "Introduction". *Displacements: Cultural Identities in Question*. Bloomington: Indiana University Press, 1994.
- BASSNETT, Susan. "Reflection on Comparative Literature in the twenty-first century". In: *Comparative Critical Studies*, 3, 1-2, 2006, pp. 3-11.
- BEVAN, David. *Literature and Exile*, Amsterdam. Atlanta: GA., 1990.
- BLANCHOT, Maurice. *L'Espace Littéraire*. Paris: Gallimard, 1988.
- BUESCU, Helena. *Um Cânone Literário para a Europa*. Ribeirão: Húmus, 2012.
- BRAGA, Luís de Almeida. "Caridade da Pátria". In: *Política. Revista Quinzenal. Órgão da Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano*. Lisboa, 10 janeiro 1930, pp. 2-14.
- COBO, Jesús. "Los sonetos de Toledo de António Sardinha: un ejemplo de idealismo de tipo sentimental". In: *Archivo Secreto. Revista Cultural de Toledo*, nº3: 2006, pp. 262-268.
- CRUZ, Manuel Braga. "O integralismo lusitano nas origens do salazarismo". In: *Análise Social*, vol. XVIII (70), 1º: 1982, pp. 137-182.
- DAMROSCH, David. *What is World Literature?* Princeton University Press, 2003.
- DELEUZE, Gilles; Guattari, Félix (1992). *O que é a Filosofia?*, Rio de Janeiro: Ed. 34.
- DESVIGNES, Ana Isabel Sardinha. *António Sardinha – Um Intelectual do século*. 1ª ed.. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.
- GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. Trad. Fernando Luís Machado e Maria Manuela Rocha. Oeiras: Celta. 1992.
- GUILLÉN, Claudio. *El sol de los desterrados: literatura y exilio*. Barcelona: Quaderns Crema, 1995.
- GURR, Andrew. *Writers in Exile: the creative use of Home in Modern Literature*. Harvester Studies in Contemporary Atlantic Highlands. N.J. Literature and Culture, nº4. Brighton Humanities Press, 1981.
- LEÃO, Francisco da Cunha. "O outro António Sardinha". In: *Política. Revista Quinzenal. Órgão da Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano*. Lisboa, 10 janeiro 1930, pp. 54-55.
- MACHADO, Álvaro Manuel. "A Geração de 70: uma literatura de exílio". In: *Análise Social*, vol. XVI (61-62), 1º-2º, 1980, pp. 383-396.

_____ ; PAGEAUX, Daniel Henri. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa: Edições 70, 1983.

MAINER, José Carlos. "The dialogue of Iberian Literary Nationalism". *A Comparative History of the Literatures of the Iberian Peninsula*. Fernando Cabo Aseguinolaza, Anxo Abuín Gonzalez & César Dominguez (eds.), Vol. I., Amsterdam-Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 2010, pp. 641-652.

MCLENNEN, Sophia A.. *The Dialectics of Exile: Nation, Time, Language and Space in Hispanic Literatures*. Purdue University Press, 2004.

MIRANDA, Wander Melo. *Nações literárias*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2010.

MORA, Vicente Luis. "Globalización y Literaturas Hispánicas: de lo posnacional a la novela Glocal". In: *Revista de Estudios Hispánicos*. Vol. II, nº2 (verano), 2014, pp. 319-343.

QUINTAS, José Manuel Alves. *Filhos de Ramires. Das Ideias, das Almas e dos Factos no Advento do "Integralismo Lusitano" (1913-1916)*. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea (século XX). Lisboa: FCSH. Universidade Nova de Lisboa, 1997.

RAMOS, Rui. Prefácio a *Correspondência de António Sardinha para Ana Júlia Nunes da Silva (1910-1912)*. Ana Isabel Sardinha Desvignes. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008, pp. 11-17.

RESINA, Juan Ramón. *Del Hispanismo a los estudios ibéricos. Una propuesta federativa para el ámbito cultural*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2009.

_____. *Iberian Modalities: a relational approach to the study of culture*. Liverpool University Press, 2013.

SAID, Edward. *The Politics of Dispossession. The struggle for Palestinian Self-Determination 1969-1994*. New York: Pantheon Books, 1994.

_____. *Reflexion on Exile. And Other Literary and Cultural Essays*. Granta Books, 2001.

SARDINHA, António. "O Território e a Raça". *A Questão Ibérica*. Lisboa: Tipografia do Anuário Comercial, 1916, pp. 11-75.

_____. *Na Côrte da Saudade. Sonetos de Toledo*. Lisboa: Porto, Coimbra: Lumen. Empresa Internacional, 1922.

_____. *Ao Princípio era o verbo. Ensaio e estudos*. Lisboa: Portugalidade, 1924.

_____. *A Aliança Peninsular. Antecedentes e Possibilidades*. Porto: Livraria Civilização, 1925.

_____. *La Cuestión Peninsular*. Traducción de Juan Beneyto Pérez, Prólogo del Marqués de Lozoya. Biblioteca Hispano-Portuguesa. Cádiz-Madrid: Cerón y Librería Cervantes, S.L., 1940.

_____. *À Lareira de Castela*. Lisboa: Edições Gama, 1943.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Death of a Discipline*. New York: Columbia University Press, 2003.

STEINER, George. *Extraterritorial. A Literatura e a Revolução da Linguagem*. São Paulo: Editora Schwarcz, Lda, 1995.

TORRE GÓMEZ, Hipólito de la. *De "Perigo Espanhol" à Amizade Peninsular. Portugal-Espanha 1919-1930*. Lisboa : Editorial Estampa, 1985.

WEIL, Simone. *L'enracinement. Prélude à une déclaration des devoirs envers l'être humain*. Paris: Les Éditions Gallimard, 1949.

VELOSO, Francisco José. "Correspondência Inédita de António Sardinha". In: Separata do *Boletim de Trabalhos Históricos*. Vol. XXXVIII, 1987, pp. 24-27.

RELVAS, Susana Rocha. *António Sardinha e as suas relações culturais com Espanha. "Pacto de Quinas y de Flores-de-lis" entre "Os Semeadores de Nacionalidades"*. Recolha e análise de correspondência. Vol. I e II. Lisboa: FCSH. Universidade Nova de Lisboa, 1998.